

REVISTA CULTURA E PENSAMENTO

P – Como surgiu a idéia da exposição “Blooks”?

HBH: A idéia do Blooks veio de uma certa desconfiança e mesmo intolerância da crítica literária com a produção e com a linguagem desenvolvida na internet. Eu acredito sempre que as novas formas culturais estão fermentando e sendo gestadas nas margens do mercado cultural tradicional. Por isso fiz minha tese sobre a poesia marginal dos anos 70, depois me apliquei na produção cultural da mulheres e dos negros e mais recentemente das perspectivas que apontam tanto no território das novas tecnologias quando nas vozes ácidas e cheias de marra que estão chegando com força total vindas das periferias. Fui então ver com mais cuidado e sem pressupostos formados a literatura da web. Surpresa total. O grau de criatividade, possibilidades abertas para a experimentação da linguagem, a vizinhança com outras mídias que se cruzam e, principalmente, se contaminam de fora recorrente na www abre um espaço de criação novo para a literatura que esta nunca conheceu antes. Acho incrível certas reações contrárias que vêem esses fenômenos como desaprendizado, como corrupção da língua, da norma culta. Pode ser até que os blogs mais pessoais tenham inventado seu dialeto próprio o que é absolutamente normal em qualquer comunidade jovem. Mas no campo da literatura mesmo, não dá para não considerar a abertura gigantesca que a internet proporcionou para os criadores de poesia e ficção.

P – Como foi o processo de curadoria e organização do material?

HBH: Eu inicialmente não acreditei ser capaz de avaliar a literatura hospedada na web corretamente, abrindo mão de todos os meus parâmetros de professora de letras, Então chamei para me ajudar dois poetas jovens e que têm grande intimidade com o assunto, além de serem excelentes poetas: Omar Salomão e Bruna Beber. A primeira escolha foi deles. Mas qual não foi minha surpresa ao ver que em nada essa literatura fica a dever da impressa. Meus critérios ainda valem parece, para viajar tranquilamente pelos blogs literários... O que só vai comprovar a hipótese de que não há uma literatura de internet, mas sim uma literatura que utiliza os recursos múltiplos da Internet, inclusive um fator importantíssimo que é a troca entre poetas e escritores, a crítica mútua a recepção imediata de uma obra ainda em processo, o acesso à outros produtores jovens, enfim uma vitrine e um espaço de visibilidade com o qual nenhum poeta ou escritor antes havia imaginado para si.

P – A diversidade de práticas literárias, auxiliada pelas novas mídias, estaria encaminhando a literatura nova para aquele território “verbivocovisual” que era a meta dos poetas concretos?

HBH: Certamente isso tende a acontecer. Mas não será a norma provavelmente. O que fascina na Internet é a variedade de recursos disponíveis e, conseqüentemente a pluralidade estilística e instrumental dessa produção. De qualquer forma sempre penso que Haroldo de Campos merecia estar vivo hoje para assistir e intervir nessa nova produção.

P – Você tem dito que não existe “literatura de blog”, existe a literatura. Nesse caso, o meio não modificaria em nada a mensagem. Você poderia explicar melhor?

HBH: Acho que já falei um pouco disso nas respostas anteriores. Mas é claro de o meio modifica a mensagem, H. D. Mabuse, um dos intelectuais mais audaciosos do momento e criador do projeto RECOMBO, tem uma frase glosando McLuhan que acho simplesmente genial. Diz ele : ”o software é o conteúdo”. A literatura está utilizando amplamente os recursos e as possibilidades abertas pelo ambiente da internet. O que não concordo é com uma linha de crítica que quer guetificar essa literatura como uma coisa menor, a “literatura de blog”. Isso não creio que exista, pelo menos a partir do que venho lendo na web e nos blogs poéticos. É uma literatura que não deixa nada a dever à literatura em papel. É claro que temos muita coisa de qualidade ruim, o não é muito diferente da quantidade de coisa ruim impressa também... Entretanto, acho sim que os blogs enquanto instrumento de conveniência, pertencimento e socialização é um fenômeno extremamente interessante e que deve ser estudado sem sombra de dúvida. Mas nesse caso, ou seja, no caso de promover um entendimento da linguagem desenvolvida nos blogs pessoais, os estudiosos de literatura que me perdoem, os instrumentos disponíveis nos estudos literários não vão ser de grande utilidade...

P – A facilidade de acesso a textos – desde clássicos da literatura mundial até autores inéditos – é perceptível de algum modo na literatura contemplada pela exposição?

HBH: De algum modo, isso não libertaria o escritor novo de referências muito marcadamente nacionais, refletidas na precariedade de nossas bibliotecas e, até certo ponto, de nosso mercado editorial? Você tocou num ponto essencial. Minha maior surpresa foi o grau de conhecimento da tradição literária e artística expresso nos subtextos dos jovens poetas e ficcionistas. O quadro de referência cultural desta nova geração é surpreendentemente e não duvido que isso tenha sido proporcionado pelo acesso fácil que a internet promove ao conhecimento.

P – Você foi uma pessoa fundamental, no sentido de fazer vir à luz e organizar todo um campo, para a divulgação da chamada “poesia marginal”. Basta lembrar a antologia “26 poetas hoje” (que, aliás, tinha gente muito diferente entre si), que divulgou o trabalho de poetas como Cacaso, Ana Cristina César, Francisco Alvim, Chacal, etc. O que essa nova geração revelada por “Blooks” tem em comum?

HBH: Acho que essa geração de BLOOKS tem em comum uma atenção bem crítica de seu contexto, pouca preocupação com o próprio umbigo, e uma tenção diferenciada e múltipla. Dou sempre como exemplo uma frase da Cecília Gianetti, hoje conhecida escritora mas que veio também dos blogs, que me disse que sem seis janelas abertas, ela entra em angústia... É um pouco isso que eu queria dizer: essa geração tem uma percepção “neurologicamente” diferenciada da minha. Ela é capaz de se sintonizar em vários estímulos ao mesmo tempo sem perda da atenção e sem se dispersar. Isso provavelmente será a marca do novo estilo que começa a emergir com fora e vitalidade na web.

P – O que mudou na literatura, na literatura brasileira e em você mesma de lá para cá?

HBH: Não muito. O contexto do campo e do mercado literário é que sofreram uma mudança radical. E a literatura responde a isso. Mas não me parece que isso seja alguma transformação propriamente na “essência” do literário (se é que isso existe) E sim das estratégias de criação e comercialização deste produto. A literatura hoje conta com mais recursos para a criação, o mercado tende a ser forçado a criar soluções de barateamento do livro, ou a criar novas formas para sua comercialização, o que é excelente. E a literatura começa (como as demais artes) a se expandir em articulações extremamente criativas com aquilo que seria não-literário. O HQ, hoje considerado a oitava arte, é um bom exemplo disso. Por isso talvez esteja chegando a hora de pararmos de atentar para o específico literário e começar a prestar redobrada atenção a uma nova noção, mais adequada para o momento, que é a de “práticas literárias”.

Esta pergunta termina me pedindo para dizer o que mudou em mim da época dos marginais até esse momento dos Blooks. Constato, com tristeza, que não mudei muito, pelos menos tanto quanto gostaria de ter mudado. Dos marginais aos blooks, continuo apostando nas margens, no que ainda

não é legítimo,. No que a critica desconfia. Uma carreira desde o começo marrenta, sem grandes melhoras.

P – [desculpe-me a redundância] Ouve-se às vezes por ai que “a internet vai acabar com a literatura”. E acrescentaria, com o livro também. Isso corresponde a alguma experiência de fato ou é apenas um temor de “apocalípticos”?

HBH: Acho que não chega nem ser um temor. Me parece mais um velho cacoete. Isso foi dito com a chegada da fotografia, do cinema , da televisão, da internet. Em nenhum dos casos a previsão terrorista se confirmou. Pelo menos nesse inicio de século (quase 50 anos depois da invenção da Internet) o livro vem se dando muito bem...